



MÁRIO CANUTO PEREIRA, 89 ANOS

# HOMEM DE FINANÇAS QUE LUTOU EM GOA

► Mário Canuto Pereira fez carreira nas Finanças, mas por duas vezes deixou os papéis de parte para assumir uma função de patriota mais prática: Durante a II Guerra Mundial e, a mais importante, nos anos cinquenta, quando os indianos começaram a ameaçar as fronteiras de Goa, Damão e Diu. Esteve lá oito anos e acabou como prisioneiro de guerra. Memórias que nos conta no aconchego da Misericórdia de Machico.

DUARTE CAIRES (Texto)  
DUARTE SÁ (Foto)

Mário Canuto Pereira trabalhava nas Finanças de Câmara de Lobos, quando começaram os problemas na Índia, nos anos cinquenta. Os indianos rondavam as fronteiras de Goa, Damão e Diu, as colónias portuguesas no Oriente. «E eu — diz-nos —, que era todo Afonso Henriques, meteu-me na cabeça oferecer-me como voluntário.»

Embarcou como tenente e foi colocado em Goa, tendo chegado a comandar uma secção da polícia. Durante os oito anos que lá permaneceu, teve oportunidade de conhecer as outras duas cidades, mas aquilo não foi um passeio, como às vezes se ouve dizer por aí. A dada altura, houve confronto, tiros, gente morta.

Em última análise, no entanto, o senhor Canuto Pereira considera que foi uma experiência boa. E o seu desempenho foi de tal modo exemplar que recebeu vários louvores.

Em 1962, a situação estava bastante degradada, a ponto de, em Fevereiro, Mário Canuto Pereira se achar prisioneiro dos indianos, num campo designado "Charlie POW". POW era a sigla para Prisoners Of War. Mas tudo acabou bem, com os prisioneiros a regressarem a Portugal. E nada há a dizer dos indianos, pois não foram brutais, nem maltrataram ninguém. «Eles queriam dar uma nota de civilização», diz o senhor Canuto Pereira.

## NO CORAÇÃO DA BAIXA

Mário Canuto Pereira nasceu há 89 anos, em Santa Maria Maior, quase no coração da baixa da cidade antiga», como diz. «Naquele tempo, a população era mais pequena...», esclarece-nos. E segue-se uma longa pausa, como se estivesse a recompor de memória as ruas, as esquinas, os prédios do Funchal antigo. É uma tarefa que pode fazer com calma, enquanto passa os dias da reforma no Lar da Santa Casa da Misericórdia de Machico.

«Era tudo como hoje em dia, só que havia menos movimento», diz por fim. «Andávamos na escola primária e ao mesmo tempo na catequese. Feita a quarta classe, podíamos escolher o Liceu, a Escola Industrial ou um trabalho imediato.»

Ele escolheu o Liceu. E, depois, como gostava muito do mar, teve a ideia de ir para a Escola Naval. Mas os preparatórios tinham de ser feitos nas universidades de Coimbra, Lisboa ou Porto. Mário Canuto Pereira esteve em Coimbra. «As vagas anuais eram diminutas», recorda. «Tínhamos de tirar umas notas muito altas e ter uma certa cunha... como sempre, a cunha!»

Dos professores, ele recorda Mário Silva, «físico notável, que chegou todo cheio da Teoria da Relatividade». E a malta preparou-se nessa matéria. «Mas chegámos aos exames e surge-nos um problema de termodinâmica», conta. O senhor Canuto Pereira teve de se socorrer das lembranças da matéria dada no velho Liceu Jaime Moniz e ainda conseguiu tirar um 10. Mas essa não era nota que desse acesso à Escola Naval...

«O sistema de ensino antigamente era muito mais rigoroso», diz-nos. «A gente saía da escola primária a saber muito e os professores eram muito mais rigorosos. Alguns dos meus professores fazem hoje parte da toponímia da cidade do Funchal, como, por exemplo, Ângelo Augusto da Silva e o major Reis Gomes.»

Naquele tempo, quando um professor faltava, por doença ou por qualquer outro motivo, não havia feriado, como hoje em dia. Havia sempre um professor de outra disciplina que ocupava o lugar. Mário Canuto Pereira conta, mesmo, um caso curioso: «Eu não gostava nada de História Universal, sobretudo da Revolução Francesa. Mas um belo dia o professor de História adoeceu e foi dar essa matéria, durante três ou quatro dias, o professor Ângelo Augusto da Silva, que era de Matemáticas. Pois acreditem que fiquei a gos-

tar de História! Isto para verem a categoria didáctica e pedagógica dos professores de então».

## PIONEIROS DA LUTA ANTI-CORRUPÇÃO

A família não podia sustentar os estudos de Mário Canuto Pereira em Coimbra e ele teve de regressar ao Funchal. Corriam os anos trinta e esta era uma cidade toda calcetada com pedras do calhau, com turistas a passearem de carro de bois pelas ruas.

«Era uma boa cidade e havia já muita actividade comercial e turística, cafés e restaurantes», recorda. Na zona onde hoje fica a marina erguia-se um teatro-circo e um salão de bilhares. Um pouco mais adiante, brilhava o Pilar de Banger. «Nunca o deviam ter deitado abaixo», considera Canuto Pereira. «Era um emblema do Funchal!»

Nos primeiros tempos, depois do regresso de Coimbra, Mário Canuto Pereira foi professor da escola da dona Bernardete, mãe do banqueiro Jardim Gonçalves. Mas aquele não era um trabalho seguro e assim que surgiu um lugar nas Finanças ele avançou. Começou pelo posto mais baixo e fez carreira até que os 70 anos e a reforma o apanharam como Inspector de Finanças Principal, na cidade de Évora.

Mas tudo começou na Madeira e ele não se esquece da primeira conversa que teve com o director de Finanças de então. É bem verdade que o nome do homem lhe fugiu da memória, embora não a alcunha — "Balão Cativo" —, porque se tratava de um indivíduo baixo e gordo. O "Balão Cativo" disse-lhe que nas Finanças se ganhava pouco e recomendou, severamente, que se o ordenado desse apenas para comer milho, pois só devia comer-se milho. Era um recado para que não cedesse aos subornos. «Para mim, ele foi o pioneiro da luta anti-corrupção», salienta o senhor Canuto Pereira.

## RONDA PELAS FINANÇAS

Mário Canuto Pereira começou a "ronda" pelas repartições de Finanças na Calheta. Era o ano de 1936 e a Calheta ficava no fim do mundo. «A viagem de camioneta era um perigo», recorda. «Muitos dos camiónhos não estavam sequer calcetados. Gastávamos um tempo enorme a fazer a viagem e arriscávamos a vida.»

Quando regressou de vez à Madeira, depois de 35 anos de ausência, o filho levou-o à Ribeira Brava em apenas oito minutos. «Mas também não se vê nada!», adverte. «Aquilo não é para turistas. Não faz sentido vir à Madeira para andar a fazer turismo dentro dos túneis!»

Da Calheta, Mário Canuto Pereira foi para Alcoutim, no continente. Depois, regressou à Madeira e foi colocado em São Vicente. Seguiu para São Jorge, nos Açores. Regressou para Santana e a seguir Câmara de Lobos. Esteve oito anos na Índia e já não quis voltar ao Funchal. Esse regresso ficou adiado para o tempo da reforma.

Pelo caminho, o senhor Canuto Pereira casou-se e constituiu família, divorciou-se e tornou a casar-se, até que em 1987, em Montemor-o-Novo, sofreu um

acidente que marcou a sua vida em dois sentidos: a luta contra as lesões, que lhe afectaram o cérebro, e a posterior batalha judicial, para conseguir as devidas indemnizações, já que o condutor responsável pelo acidente estava embriagado e tinha a carta apreendida.

Como homem que passou por dois regimes políticos, Mário Canuto Pereira afirma-se "nacionalista". «Sou de direita, não tenho vergonha nenhuma de dizê-lo», salienta. «Mas não sou da extrema-direita.» E, depois, realça uma atitude mais dura: «Acho que o 25 de Abril foi a maior traição que nós fizemos à pátria, a nós próprios. Entregámos um império ao poderio russo e entregámo-lo de mão beijada». É o sentir de um homem que lutou, como voluntário, para defender Goa...

